

"Ken Follett retoma os elementos de espionagem, luxúria e nazismo que trabalhou tão bem em *O buraco da agulha*. Prepare-se para horas e horas de uma ótima história." — *Kirkus Reviews*

KEN FOLLETT



NOITE SOBRE AS ÁGUAS



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

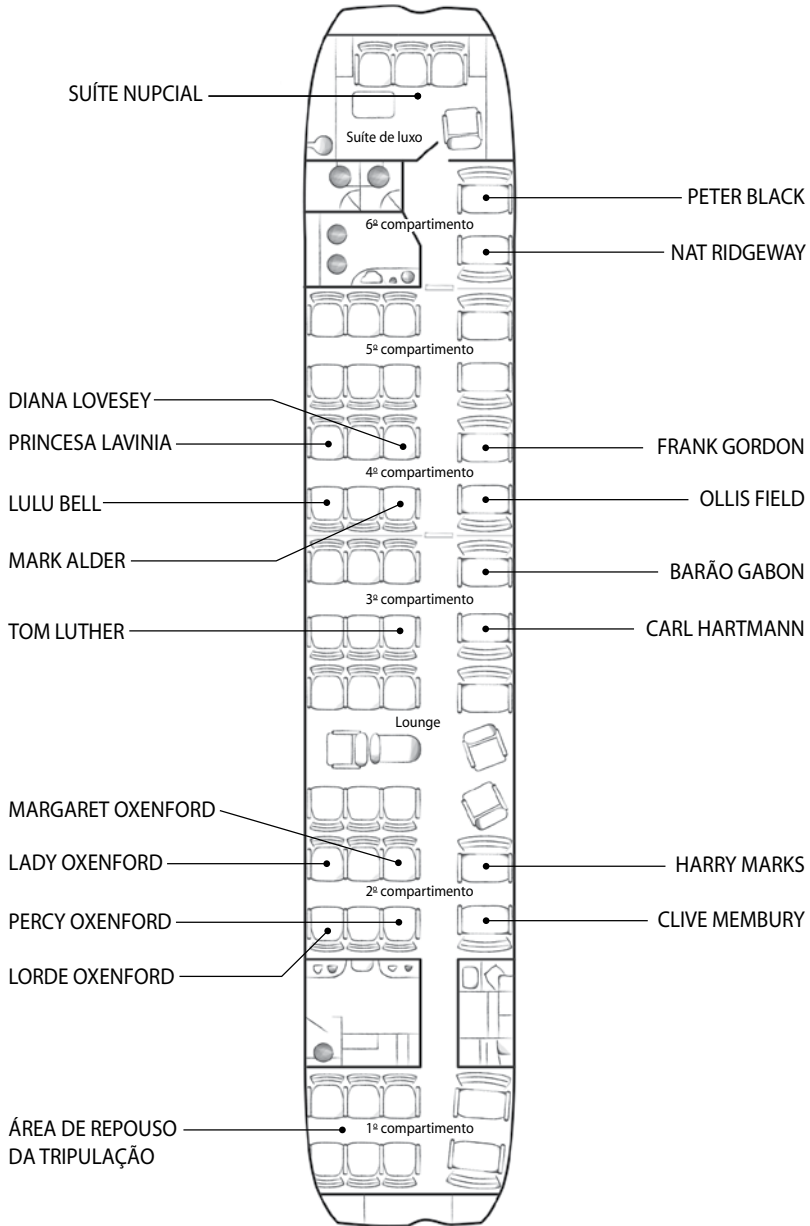
Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para minha irmã Hannah, com amor.



PLANTA DO CONVÉS DE PASSAGEIROS PAN AMERICAN AIRWAYS

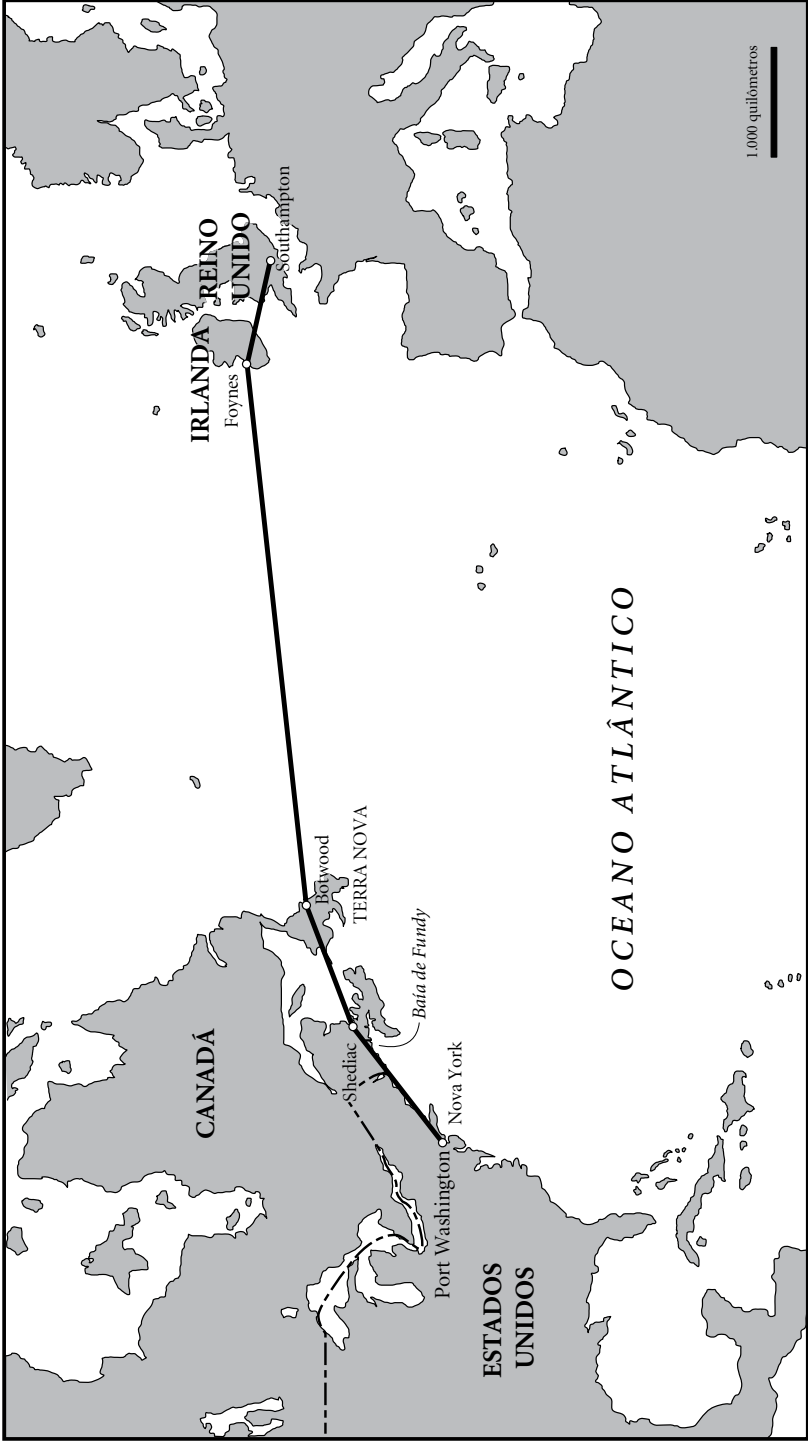
Avião: BOEING 314 CLIPPER – Passageiros: 74 no voo diurno e 40 no voo noturno
Envergadura: 46,33m – Fuselagem: 33,31m – Potência: 4 motores Wright Cyclone de 1.500 HP



NOTA DO AUTOR

O PRIMEIRO SERVIÇO DE transporte aéreo de passageiros entre os Estados Unidos e a Europa foi iniciado pela companhia Pan American no verão de 1939. Durou apenas algumas semanas, pois foi suspenso quando Hitler invadiu a Polônia.

Este romance é a história de um último voo fictício, poucos dias depois de ser declarada a guerra. Os passageiros e os tripulantes também são fictícios. O avião, no entanto, é real.



PARTE I

Inghilterra

CAPÍTULO UM

AQUELE ERA O AVIÃO MAIS romântico de todos os tempos. Parado no cais de Southampton, ao meio-dia e meia do dia em que a guerra fora declarada, Tom Luther esquadrihava o céu, esperando pela aeronave, com o coração tomado de ansiedade e temor. Cantarolava baixinho, sem parar, algumas passagens de Beethoven – o primeiro movimento do *Concerto do Imperador*, uma melodia estimulante, apropriadamente bélica.

Havia uma multidão de espectadores ao seu redor: entusiastas da aviação com binóculos, crianças e curiosos. Luther calculou ser a nona vez que o Clipper da Pan American pousava em Southampton Water, mas a novidade ainda não se esgotara. O avião era tão fascinante, tão encantador, que as pessoas ainda se reuniam para contemplá-lo até mesmo no dia em que seu país entrava em guerra. Ali perto, dois magníficos transatlânticos se elevavam bem acima da aglomeração, mas os hotéis flutuantes já não ofereciam a mesma magia: todos olhavam para o céu.

Enquanto esperavam, no entanto, falavam sobre a guerra com seus sotaques ingleses. As crianças estavam empolgadas, os homens discorriam em voz baixa sobre tanques e artilharia e as mulheres apenas exibiam expressões sombrias. Luther era americano e esperava que os Estados Unidos não se envolvessem: aquilo não era da conta do seu país. Além do mais, os nazistas tinham algo de bom: eram implacáveis com o comunismo.

Luther era um industrial, produtor de tecido de lã, e já tivera muitos problemas com os vermelhos em suas fábricas. Ficara à mercê deles, quase o arruinaram. Ainda se sentia amargurado por isso. Os concorrentes judeus tinham liquidado a loja de roupas masculinas do pai e, depois, a Luther Woolens se vira ameaçada pelos comunas – e em sua maioria eles eram judeus! Foi nessa ocasião que conhecera Ray Patriarca e sua vida mudara. O pessoal do novo amigo sabia o que fazer com os comunistas. Ocorreram alguns acidentes. Um agitador ficara com a mão presa num tear. Um recrutador sindical morrera atropelado por um homem que fugira da cena do crime. Dois homens que tinham se queixado de violações no regulamento de segurança se meteram numa briga de bar e acabaram no hospital. Uma mulher que vivia criando problemas desistira da ação judicial contra a empresa depois do incêndio de sua casa. Tudo isso em poucas semanas. Desde então, não acontecera a menor

agitação. Patriarca sabia o que Hitler também sabia: a única maneira de lidar com os comunistas era esmagá-los como se fossem baratas.

Luther continuava a cantarolar Beethoven, batendo o pé no ritmo da música. Uma lancha saiu do cais da Imperial Airways, atravessou o estuário de Hythe e circulou pela área de pouso à procura de detritos flutuantes. Um murmúrio ansioso se elevou da multidão: o avião devia estar se aproximando.

O primeiro a avistá-lo foi um menino com enormes botinas novas. Não tinha binóculo, mas sua visão de 11 anos era melhor do que lentes.

– Lá vem ele! – gritou com a voz estridente. – Lá vem o Clipper!

Ele apontou para sudoeste. Todos olharam nessa direção. A princípio, Luther enxergou apenas uma forma vaga que poderia ser uma ave, mas logo os contornos se definiram e um rumor de empolgação se espalhou pela multidão enquanto as pessoas diziam umas às outras que o menino estava certo.

Todos o chamavam de Clipper, mas, tecnicamente, era um Boeing B-314. A Pan American encomendara a construção de um avião capaz de transportar passageiros através do oceano Atlântico com todo o luxo, e aquele era o resultado: um modelo imponente com uma potência incrível, um palácio voador. A companhia recebera seis e pedira mais seis. Em termos de conforto e elegância, as aeronaves se comparavam aos fabulosos transatlânticos atracados em Southampton, mas os navios levavam quatro ou cinco dias para efetuar a travessia; já o Clipper podia completá-la num prazo de 25 a 30 horas.

Parecia uma baleia alada, pensou Luther enquanto o avião se aproximava. Tinha um nariz rombudo e um corpo maciço que se estreitava em direção à cauda, culminando em dois estabilizadores elevados que poderiam ser as nadadeiras. Os imensos motores estavam instalados nas asas. Abaixo delas havia um par de planadores reforçados que serviam para estabilizar a aeronave quando se encontrasse na água. O fundo do avião era afilado, como o casco de uma lancha veloz.

Não demorou muito para que Luther conseguisse divisar as enormes janelas retangulares, em duas fileiras irregulares, indicando os andares superior e inferior do avião. O industrial chegara à Inglaterra no Clipper exatamente uma semana antes, por isso conhecia seu layout. O andar superior compreendia a cabine de comando e os compartimentos de bagagem; o inferior era reservado aos passageiros. Em vez de poltronas enfileiradas, o andar de baixo tinha uma série de saletas com sofás. Na hora das refeições,

o lounge se transformava na sala de jantar, e à noite os sofás eram convertidos em camas.

Fazia-se de tudo para isolar os passageiros do mundo e do tempo além das janelas. Havia tapetes grossos, iluminação suave, estofamentos de veludo, cores claras, sofás macios e confortáveis. O revestimento à prova de som reduzia o rugido dos potentes motores a um zumbido distante e tranquilizador. O comandante exibia uma autoridade serena, os tripulantes ficavam impecáveis nos uniformes da Pan American, os comissários de bordo eram sempre atenciosos. Nenhuma necessidade deixava de ser satisfeita: havia sempre comida e bebida à disposição. Tudo o que se desejava aparecia, como num passe de mágica, no momento em que era pedido – cortinas para dar privacidade na hora de dormir, morangos frescos ao desjejum. O mundo exterior começava a parecer irreal, como um filme projetado nas janelas, e o interior do avião passava a ser um universo à parte.

Esse conforto não saía barato. A viagem de ida e volta custava 675 dólares, a metade do preço de uma casa pequena. Os passageiros eram membros da realeza, artistas de cinema, executivos de grandes empresas e presidentes.

Tom Luther não se encaixava em nenhuma dessas categorias. Era rico, mas trabalhara com afinco para ganhar dinheiro e não costumava esbanjá-lo. Contudo, precisava conhecer o avião. Um homem poderoso, mas muito poderoso mesmo, pedira-lhe que realizasse uma perigosa missão. Não seria pago pelo trabalho, mas ter crédito com uma pessoa assim valia mais que dinheiro.

A missão, porém, ainda poderia ser cancelada: Luther aguardava uma mensagem com a decisão final. Por um lado, sentia-se ansioso para realizá-la; por outro, torcia para que não fosse necessária.

O avião começou a descer, a cauda mais baixa do que o nariz. Estava bem próximo agora e Luther mais uma vez se impressionou com o tamanho da aeronave. Sabia que tinha quase 35 metros de comprimento e mais de 45 metros de envergadura, mas as medidas não passavam de meros números até que se via a enormidade espetacular plainando.

Por um momento, pareceu que o avião não estava voando, mas caindo, que despencaria no mar e afundaria. Depois, a impressão foi de que pairava no ar, logo acima do estuário, como se suspenso por um cordão. Por fim, encostou na água, deslizou pela superfície, roçando-a feito uma pedra lançada para ricochetear, espirrando espuma. Mas havia pouca ondulação ali

e, após um momento, lançando jatos d'água como a fumaça de uma bomba, a fuselagem mergulhou.

O avião abriu um sulco branco no verde-azulado e Luther pensou num pato-real pousando num lago, com as asas estendidas e as patas encolhidas. A fuselagem afundou mais um pouco, ampliando as cortinas d'água que se erguiam dos dois lados, depois começou a se inclinar para a frente. Os jatos aumentaram enquanto o avião se nivelava, submergindo mais e mais a barriga de baleia. Enfim, o nariz baixou. A velocidade diminuiu de repente, os jorros se reduziram a simples respingos e a aeronave singrou pelo mar como a embarcação que era, tão serena como se nunca tivesse se atrevido a alcançar o céu.

Luther percebeu que prendera a respiração e deixou o ar escapar num longo suspiro de alívio. Recomeçou a cantarolar.

O avião taxiou para o ancoradouro onde Luther havia desembarcado. A doca era projetada especialmente para o Clipper, com dois molhes. Em poucos minutos cabos seriam atados a espeques na frente e na traseira do avião, que seria puxado de popa e estacionado entre os molhes. Os privilegiados passageiros saíam em seguida, atravessando a superfície larga do flutuador, depois o cais flutuante, subindo por uma escada para terra firme.

Luther começou a se afastar, mas estacou abruptamente. Ao seu lado estava alguém em quem não reparara antes: um homem mais ou menos da sua altura, com um terno cinza-escuro e chapéu-coco, como um escriturário a caminho do escritório. Luther já ia seguir adiante, mas tornou a olhar. O rosto não era o de um trabalhador qualquer. O desconhecido tinha testa larga, olhos azuis brilhantes, queixo saliente e boca fina e cruel. Devia ser mais velho do que ele, em torno dos 40 anos, mas exibia ombros largos e uma excelente forma física. Parecia alguém perigoso. Ele fitou Luther nos olhos.

O industrial parou de cantarolar.

– Sou Henry Faber – apresentou-se o homem.

– Tom Luther.

– Tenho um recado para você.

O coração de Luther parou por uma fração de segundo. Ele tentou disfarçar a agitação e falou no mesmo tom incisivo do estranho:

– Ótimo. Pode falar.

– O homem em quem você está interessado embarcará neste avião na quarta-feira com destino a Nova York.

– Tem certeza?

O homem olhou firme para Luther, sem responder. Luther assentiu so-
lenemente. Então a missão seria realizada. Pelo menos acabara o suspense.

– Obrigado.

– Tem mais.

– Estou escutando.

– A segunda parte da mensagem é a seguinte: “Não nos decepcione.”

Luther respirou fundo.

– Diga-lhes para não se preocuparem – declarou, com mais confiança do
que na verdade sentia. – O homem pode deixar Southampton, mas nunca
chegará a Nova York.



A Imperial Airways mantinha instalações para hidroaviões no outro lado
do estuário, de frente para as docas de Southampton. Os mecânicos da em-
presa cuidavam da manutenção do Clipper, supervisionados pelo engenheiro
de voo da Pan American. Naquela viagem, o responsável era Eddie Deakin.

Tratava-se de um trabalho complexo, mas eles dispunham de três dias.
Depois de desembarcar os passageiros no Ancoradouro 108, o Clipper ta-
xiou através do Hythe. Manobrou até uma plataforma móvel e, depois, foi
içado por uma rampa e rebocado até o imenso hangar verde, mais pare-
cendo uma enorme baleia encalhada num carrinho de bebê.

O voo transatlântico era uma tarefa penosa para os motores. Na etapa
mais longa, da Terra Nova à Irlanda, o avião permanecia no ar por nove ho-
ras; a viagem de volta, com ventos contrários, levava dezesseis horas e meia.
Hora após hora, o combustível fluía, as velas entravam em ignição, os ca-
torze cilindros em cada enorme motor subiam e desciam incessantemente
e as hélices de 5 metros desafiavam as nuvens, a chuva e os vendavais.

Para Eddie, esse era o fascínio da engenharia mecânica. Era maravilhoso,
espantoso que homens pudessem fabricar motores que funcionavam à per-
feição. Muitas coisas poderiam dar errado, centenas de peças móveis deve-
riam ter precisão absoluta e ajuste meticuloso a fim de que não se partissem,
não saíssem do lugar, não travassem ou não se desgastassem em um avião de
41 toneladas que percorria milhares de quilômetros.

Na manhã de quarta-feira, o Clipper estaria pronto para repetir a viagem.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br